



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

CARACTERIZAÇÃO FITOFISIONÔMICA DOS PRINCIPAIS TALHÕES DE ESPÉCIES ARBÓREAS DA FLORESTA NACIONAL MÁRIO XAVIER – SEROPÉDICA - RJ

Andrezza Gomes Alves^(a), Karine Bueno Vargas^(b)

(a)Discente do Departamento de Geografia/Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, email:
andrezzaalves7@gmail

(b)Docente do Departamento de Geografia/Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, email:
karinevargas@gmail.com

Eixo: II WorkBio – Workshop de Biogeografia Aplicada

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a caracterização fitofisionômica dos principais talhões de espécies arbóreas da Floresta Nacional Mário Xavier (Flona MX), localizada no município de Seropédica- RJ. A Flona MX é uma das pouquíssimas áreas ainda vegetadas do município (496 hectares), resistindo na paisagem por ser amparada por lei como Unidade de Conservação. A Flona é composta por um pequeno fragmento de vegetação nativa em estágio secundário, predominando vegetações exóticas, oriundas do seu uso inicial como Horto Florestal e seguidamente por uma Estação de Experimentação Florestal. Para identificar as principais espécies arbóreas dos talhões, foram realizados trabalhos de campo na área, assim como o levantamento documental e bibliográfico dos registros florestais já existentes, sendo identificados 10 talhões de maior representatividade. O conhecimento acerca da fitofisionomia do patrimônio vegetal da Flona MX é de extrema importância para o manejo e conservação desta área.

Palavras chave: Unidades de Conservação, Biogeografia, Mata Atlântica, Fitofisionomia, Floresta Nacional Mário Xavier.

1. Introdução

A Flona Mário Xavier está localizada no município de Seropédica (Figura 1), região metropolitana do Rio de Janeiro, em uma extensão de terras baixas, com relevos que variam de



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

suaves a levemente ondulados, cobertos por depósitos flúvio-marinhos que formam a Bacia Sedimentar de Sepetiba, correspondendo a região também conhecida como Baixada Fluminense. A área da Flona MX ocupa integralmente a bacia hidrográfica do rio Guandu, corpo hídrico responsável pelo abastecimento de grande parte da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro.

A Flona MX insere-se no perímetro urbano de Seropédica, e é cercada por bairros populares e propriedades rurais, sendo cruzada por importantes rodovias: a Presidente Dutra (BR 116) e o Arco Metropolitano (BR 493) (Figura 1).

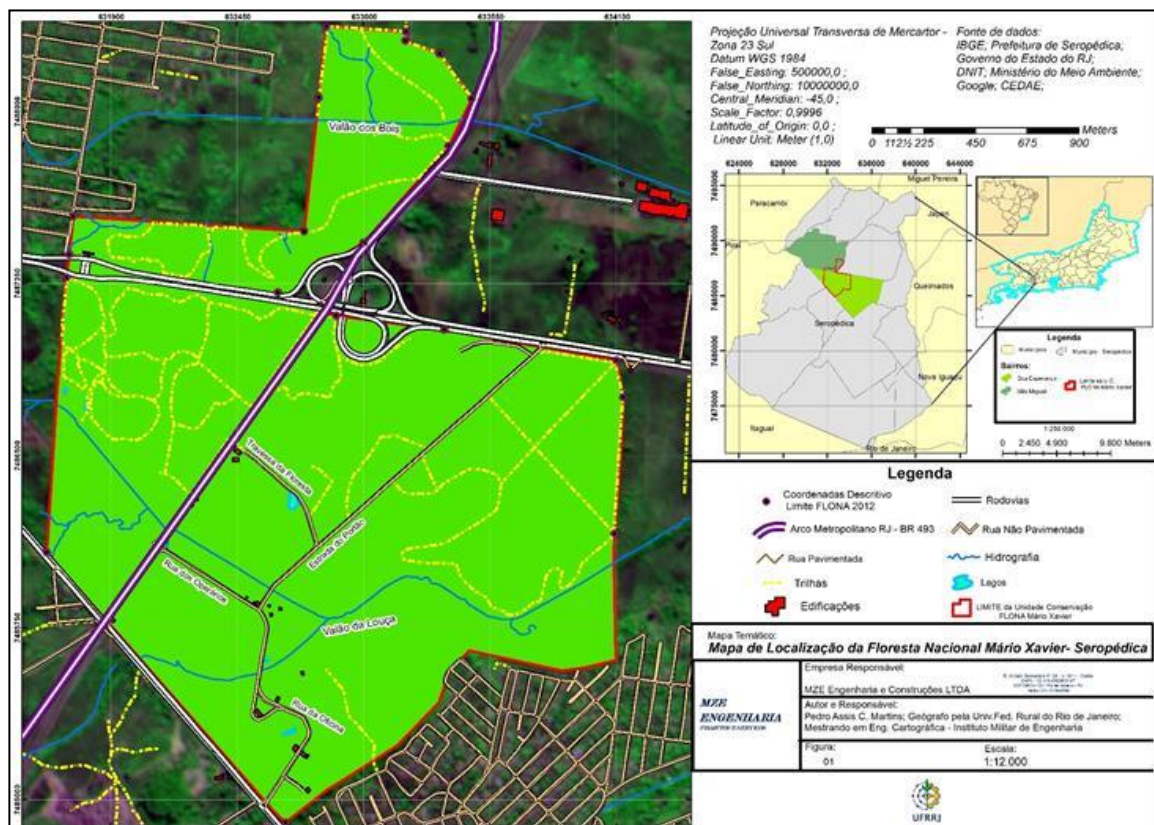


Figura 1- Localização da Floresta Nacional Mário Xavier - Fonte:

Possui uma área de 496 hectares sob domínio do Bioma Mata Atlântica, sendo constituída de 16% de mata nativa em estágio secundário e o percentual restante por áreas de reflorestamento, havendo predominância de espécies exóticas, como por exemplo, espécies dos gêneros *Eucalyptus*, *Pinus* e *Lophantera* que ocupam grande parte da área. A Flona MX se



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

destaca na paisagem local, por ser uma das poucas áreas verdes do município, e por apresentar um dos últimos fragmentos de floresta bem desenvolvida.

Ab'Saber (2003), explica que devido à localização geográfica das Matas Atlânticas, estas abrigam uma enorme biodiversidade de flora e fauna. O mesmo acontece com a Flona MX, que mesmo diante a pressão antrópica que sofre, ainda consegue manter em sua área uma ampla diversidade de espécies, bem como duas espécies endêmicas da fauna brasileira, a rã *Physalaemus soaresi* que só existe dentro dos limites da Unidade de Conservação e o peixe-das-nuvens (*Notholebias minimus*), o qual já foi identificado também em municípios vizinhos, ambas as espécies encontram-se registradas no livro vermelho de animais ameaçados de extinção (ICMBIO, 2016).

A estrutura vegetacional da Flona MX é resultante de um histórico de funções atribuídas a esta área, entre elas a de Horto Florestal, seguidamente por uma Estação de Experimentação Florestal, onde a partir de um pequeno fragmento de vegetação nativa, foram inseridas em seu entorno as mais diversas espécies da flora brasileira e mundial, funcionando como um “laboratório experimental de mudas”. De acordo com Souza (2017), O horto florestal que ali existia, foi criado durante o governo de Getúlio Vargas na década de 1940, por se encontrar localizado próximo a Escola Nacional de Agronomia (atual UFRRJ), cujos objetivos principais estavam voltados à experimentação, demonstração, divulgação de práticas silviculturais, e a produção de mudas de essências nativas e exóticas. Com o crescimento das espécies arbóreas ali inseridas, a Flona MX passa a ganhar o status de “floresta construída”, apresentando grande número de espécies exóticas, muitas delas trazidas do Bioma Amazônico, as quais apresentaram boa adaptabilidade as terras baixas da Baixada Fluminense.

No entanto, no ano de 1986, sob o Decreto nº93.369 de 08 de outubro de 1986, o Horto Florestal passa a se tornar uma Unidade de Conservação, ganhando a classificação de Floresta Nacional, sendo a única do estado do Rio de Janeiro até os dias de hoje. O nome Floresta Nacional Mário Xavier é uma homenagem ao engenheiro agrônomo Mário Xavier que por anos dirigiu o horto.

Com a promulgação da Lei nº9.985 de 2000 e a constituição do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUCs), a Flona MX passou a estar sob as normas desse



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

instrumento jurídico, sendo categorizada como uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável, estando atualmente sob administração do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO).

Gontijo (1997), destaca o papel da biogeografia enquanto ciência ambiental, por se apresentar como ciência de elo metodológico entre o meio biótico e o meio físico, uniformizando o conhecimento e buscando soluções para as mitigações de impactos ambientais. Impulsionadas pela ideia do autor, a presente pesquisa tem como intuito reconhecer a distribuição do patrimônio florestal da Flona MX numa perspectiva biogeográfica, objetivando-se caracterizar as fitofisionomias dos principais talhões de espécies arbóreas.

2. Materiais e Métodos

A pesquisa teve início com o levantamento bibliográfico e documental desde a época de Horto Florestal até o momento presente. Desse modo, foi criado um banco de dados, tendo como base o inventário e avaliação da cobertura florestal (Amarin, 2007) e os registros documentais de espécies arbóreas que foram inseridas na Flona MX, e que encontra-se em fichas de identificação impressas na sede da unidade. Seguidamente foram realizados trabalhos de campo na área durante o segundo semestre de 2018, utilizando materiais básicos, como: caderneta de campo, *GPS Garmin*, câmera fotográfica.

A partir de tais ferramentas, foram registradas as informações em campo a fim de identificar a localização e as características de cada talhão. Com auxílio do funcionário Jair Costa, o qual trabalha na Flona MX há 53 anos no setor de manejo de mudas e sementes, foram anotados os nomes populares das espécies arbóreas dos talhões mistos e individuais. E em gabinete, foram pesquisadas em bibliografia especializada informações extras sobre as respectivas espécies encontradas nos talhões, sendo também organizada a produção textual dessa pesquisa.



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

3. Resultados e Discussões

A fitofisionomia da Mata Atlântica encontrada no município de Seropédica, mais precisamente nos 16% de mata nativa presentes na Flona MX, se enquadra na Formação Floresta Ombrófila Densa de Terras Baixas, devido sua localização geográfica de 22° de latitude sul e altitude de 26 metros em relação nível do mar. Tal tipologia e classificação, segundo IBGE (2012), é resultante do Projeto RADAMBRASIL, baseado em estudos fitogeográficos iniciados feitos por Humboldt, o qual permitiu compartimentar as formações florestais por hierarquia topográfica e altimétrica (IBGE, 2012).

As Florestas Ombrófilas Densas de acordo com IBGE (2012), caracterizam-se por áreas com índices pluviométricos constantes e ocorrem tanto na região Amazônica, quando na região costeira brasileira, sendo também denominada como Floresta Pluvial Tropical. O tipo vegetacional Floresta Ombrófila Densa é subdividido em cinco formações, mas na presente pesquisa abordaremos somente a Formação das Terras Baixas, que corresponde a área de estudo.

A Floresta Ombrófila Densa das Terras Baixas é a fitofisionomia nativa da Baixada Fluminense, mas esta foi praticamente dizimada devido ao uso e ocupação destas áreas e ao histórico de exploração florestal colonial, permitindo-nos contemplar apenas pequenas amostras desse tipo de floresta por toda a região. Vale salientar que estes fragmentos vegetacionais ainda existentes, possuem características diferenciadas de suas fitofisionomias originais. Tais mudanças são resultantes de diversos processos, entre eles: o crescimento das cidades em seus entornos, havendo elevados índices de efeito de borda sobre estas áreas; a inserção de forma natural (dispersão) e antrópica (plantada) de espécies exóticas, invasoras e nativas; a recomposição floresta por regeneração natural, principalmente em áreas degradadas, que hoje fazem parte de Áreas de Preservação Permanente (APPs) ou Unidades de Conservação (UCs).

Para Tabarelli *et al.*, (2005), a fragmentação de habitats tem sido um dos principais desafios na conservação dos biomas em áreas protegidas, e embora tenha crescido o número de iniciativas e mecanismos legais para preservação na última década, elas ainda são insuficientes



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

para garantir a conservação da biodiversidade, havendo extrema necessidade de controle e fiscalização por meio dos órgãos competentes e maior aliança com o campo científico. Devido a elevada taxa de biodiversidade e de endemismo de espécies, juntamente aos altos graus de ameaças ao seu componente natural, a Mata Atlântica é considerada um *hotspot* mundial de biodiversidade (MYERS *et al.*, 2000).

De acordo com Amorin (2007), a área de cobertura vegetal nativa da Flona MX, corresponde principalmente a áreas ocupadas pela regeneração natural da vegetação, e outras áreas pelo plantio de espécies nativas a partir de mudas produzidas no período da Estação de Experimentação Florestal Engenheiro Agrônomo Mário Xavier, que perdurou de 1970 a 1986. Segundo o autor supracitado, das 44 unidades amostrais inventariadas nas áreas cobertas com espécies nativas, foram mensuradas 1.188 árvores, distribuídas por 31 famílias botânicas 77 gêneros e 92 espécies diferentes.

Através do estudo documental dos arquivos antigos da Flona MX foi verificado um total de 210 espécies arbóreas inseridas ao longo de toda a história nesta área. Sendo necessário estudos investigativos de campo para a localização das espécies não relatadas no inventário, uma vez que somatizam 108 espécies, a fim de verificar se ainda existem sua ocorrência.

De acordo com Santos (1999), na abertura do Horto Florestal em 1945, foram plantadas 17 áreas de 1 ha cada, com espécies nativas em espaçamento 2 x 2 m, tendo o talhão das Sapucaias como remanescentes desse reflorestamento ainda nos dias de hoje. O talhão das Sapucaias com árvores de maior porte, é considerado por parte da população de Seropédica como um espaço sagrado, sendo utilizado para práticas religiosas. Santos (1999) também ressalta que com o término do plantio das espécies nativas em 1945, foram inseridas vegetações exóticas, mais precisamente eucaliptos das seguintes espécies: *E. robusta* Sm., *E. saligna* Sm., *E. botryoides* Sm., *E. tereticornis* Sm., *E. alba* Blume, *E. paniculata* Sm., *E. citriodora* Hook e *E. rostrata* Cav. No entanto, após o crescimento destes eucaliptos estes eram vendidos, e não há registros de indivíduos *in situ* desse período na Flona MX. Desses eucaliptos foram feitas novas mudas, que correspondem aos eucaliptos mais antigos hoje da Flona, remanescentes desse primeiro plantio.

Santos (1999), relata que de 1949 e 1950 foram plantados um talhão misto com 49



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

espécies da flora brasileira, em linhas de 50 mudas de cada. Nos anos seguintes, os registros são de que as espécies eram inseridas de maneira isolada ou pequenos grupos, como forma de enriquecimento vegetativo da área.

De acordo com Amorin (2007), no ano de 1997 através do convênio firmado entre a Flona e a empresa *Saint Gobain Canalizações S.A.* (antiga *Cia Metalúrgica Barbára*) foram plantados 210 ha com eucaliptos, das espécies: *E. urophylla* S.T.Blake e *E. citriodora* Hook. Porém, tal área de plantio encontra-se hoje sob litígio atualmente, sendo reivindicado pela Flona MX à empresa, um inventário florestal, a retirada das espécies de eucaliptos, a reintrodução de espécies nativas da Mata Atlântica e sua manutenção por 5 anos (SOUZA, 2017).

O último grande plantio na Flona MX ocorreu em 2013, pela companhia de energia elétrica *Furnas Centrais Elétricas S.A.*, a qual elaborou e está executando um projeto de recuperação florestal numa área de 10.700 m², devido a ampliação de uma subestação. De acordo com a companhia foram plantadas nesta área, mais de 2 mil mudas de 48 espécies nativas da Mata Atlântica, sendo portanto um talhão misto de espécies nativas, estando entre elas: Ipê Amarelo (*Handroanthus cristatus* (A.H.Gentry) S.O.Grose), Urucum (*Bixa orellana* L.) e Ingá (*Inga alba* Will.), a Garapa (*Apuleia leiocarpa* J.F.Macbr.), Cedro (*Cedrela odorata* L.) e Jacarandá da Bahia (*Dalbergia nigra* (Vell.) Allemão ex Benth.), sendo essas três últimas espécies classificadas como vulneráveis pelo Centro Nacional de Conservação da Flora.

A partir dos trabalhos de campo realizados na Flona MX, levando em consideração o histórico das plantações em talhão, que correspondem a unidades mínimas de cultivo arbóreo, destacam-se na paisagem os seguintes talhões: Sabiá (*Mimosa caesalpiniiifolia* Benth.), Andá-açu (*Joannesia princeps* Vell.), Sapucaia (*Lecythis pisonis* Cambess.), Sumaúma (*Ceiba pentandra* (L.) Gaerth.), Abriçó-de-macaco (*Couroupita guianensis* Aubl.), espécies do gênero *Pinus* (*Pinus elliottii* Engelm.), espécies do gênero *Eucalyptus* (detalhadas na Tabela I) e um talhão de reflorestamento recente, contendo espécies nativas da Mata Atlântica (Tabela I).



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

Tabela I- Principais espécies de talhões presentes na Floresta Nacional Mário Xavier

Espécies	Nome popular	Família	Bioma de origem	Abrangência natural
<i>Mimosa caesalpiniaefolia</i> Benth.	Sabiá, Sansão-do-Campo	Fabaceae	Caatinga e Cerrado	Desde o Maranhão e região nordeste até a Bahia
<i>Joannesia princeps</i> Vell.	Anda-Açu	Fabaceae	Mata Atlântica, podendo ocorrer também em ambientes de Cerradão e Restinga	Estado do Pará, Sergipe, São paulo, Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro
<i>Lecythis pisonis</i> Cambess.	Sapucaia	Lecythidaceae	Mata Atlântica	Desde o Ceará até São Paulo
<i>Ceiba pentandra</i> (L.) Gaertn	Sumaúma	Bombacaceae	Amazônia, em área de floresta de várzea	Ocorre no Acre, Paraná, Roraima e Maranhão
<i>Lophanthera lactescens</i> Ducke	Lanterneira	Malpighiaceae	Amazônia	Ocorre no Acre, Amazonas, Pará e Roraima
<i>E. robusta</i> Sm.; <i>E. saligna</i> Sm.; <i>E. botryoides</i> Sm.; <i>E. terecicornis</i> Sm.; <i>E. alba</i> Blume; <i>E. paniculata</i> Sm.; <i>E. citriodora</i> Hook; <i>E. Rostrata</i> Cav.	Eucalipto Talhões antigos	Myrtaceae	Campos de regiões temperadas, desertos e savanas	Nativas da Oceania, ocorrendo principalmente na Austrália, Nova Zelândia e Nova Guiné
<i>E.urophylla</i> S.T.Blake; <i>E. citrodora</i> Hook	Eucalipto Talhões recentes	Myrtaceae	Florestas Tropicais e Savanas	Ocorrem respectivamente na Indonésia e na Austrália
<i>Pinus elliottii</i> Engelm.	Pinheiro	Pinaceae	Florestas e campos temperados do Hemisfério Norte	Canadá e Estados Unidos
<i>Couroupita guianensis</i> Aubl.	Abriçó-de-macaco	Lecythidaceae	Amazônico	Por toda Amazônia
Nativas da Mata Atlântica	Cedro, Jacarandá, Ingá...	Fabaceae Meliaceae...	Florestas Tropicais de Mata Atlântica	Do Rio Grande do Sul ao Rio Grande do Norte + áreas interiores

Fonte: LORENZI (2009, 2014a, 2014b)

Como mencionado anteriormente, além das 49 espécies da flora brasileira que foram plantadas e agrupadas em talhões mistos, muitas espécies foram e vão sendo inseridas de



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

maneira isolada ou em pequenos grupos pelo poucos funcionários hoje existentes na Flona MX, a fim de enriquecer o componente vegetal da área e regenerar áreas afetadas por queimadas, que é um dos grandes problemas que afetam a unidade, já que a mesma não possui um sistema de vigilância, de comunicação, e de prevenção para o controle de queimadas. Ainda vale destacar os roubos de madeira, que pela falta de segurança e controle fiscalizador, acaba facilitando tal infração.

É válido ressaltar que o plantio de muitas espécies também é feita de modo natural, através da dispersão de semente por meio da fauna (especialmente por aves e morcegos) e por ação do vento. A inserção de espécies arbóreas frutíferas deve ser priorizada, sendo uma maneira inteligente de atrair a avifauna e recompor a qualidade ambiental da floresta.

Ao longo das áreas de talhões mistos distribuídos ao longo de toda a área da Flona MX destacam-se as seguintes espécies listadas na Tabela II. A diversidade de espécies, e o grande número de espécies exóticas, bem como a presença vegetações herbáceas e arbustivas também exóticas são remanescentes de toda uma história de mais de 72 anos entre natureza e sociedade, já que inúmeras famílias viveram nessa área enquanto funcionários, antes desta virar uma Unidade de Conservação, sendo também passagem para muitas pessoas que buscam encurtar caminhos (a pé ou de bicicleta).

Tabela II- Principais espécies arbóreas presentes em talhões mistos na Floresta Nacional Mário Xavier

Espécie	Nome	Família
<i>Triplaris americana</i> Beauverd	Pau-Formiga	Polygonaceae
<i>Sterculia chicha</i> A.St.-Hill.	Arixixá	Malvaceae
<i>Piptadenia gonoacantha</i> J.F.Macbr.	Pau-jacaré	Fabaceae
<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	Rubiaceae
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá	Fabaceae
<i>Lafoensia glyptocarpa</i> Koehne	Mirindiba-rosa	Lythraceae
<i>Couropita guianensis</i> Aubl.	Abriçó-de-macaco	Lecythidaceae
<i>Swartzia langsdorffii</i> Raddi	Pacová-de-macaco	Fabaceae
<i>Centrolobium tomentosum</i> Guill. ex Benth.	Araribá-rosa	Fabaceae



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

<i>Roupala brasiliensis</i> Klotzsch	Carvalho	Proteaceae
<i>Hevea brasiliensis</i> (Willd. ex A.Juss.)	Seringueira	Euphorbiaceae
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiabeira	Myrtaceae
<i>Handroanthus heptaphyllus</i> (Mart.)Mattos	Ipê rosa	Bignoniaceae
<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Pau-brasil	Fabaceae
<i>Melia azedarach</i> Blanco	Cinamomo	Meliaceae

Fonte: LORENZI (2009, 2014a, 2014b)

Os resultados demonstram que a maior parte das espécies agrupadas em talhões individuais são exóticas, e correspondem principalmente ao bioma Amazônico, apresentando boa adaptabilidade ao clima e ao solo da Flona Mário Xávier, diante das elevadas temperaturas, chuvas constantes ao longo do ano, áreas de várzea e solos com alto teor de acidez. Destaca-se entre nos talhões mistos a presença da espécie arbórea Seringueira (*Hevea brasiliensis* (Willd. ex A.Juss.) Mull.Arg.) a qual destaca-se na história extrativista brasileira pelo “ciclo da borracha”. As presenças de algumas espécies exóticas são conflituosas ambientalmente, como é o caso dos Pinus e dos Eucaliptos, que por apresentarem crescimento mais rápido e de maior porte, comparado as espécies nativas, estas podem causar reduções significativas dos recursos hídricos nas bacias hidrográficas que estão inseridas, devido ao alto consumo de água. Ainda, é perceptível a diminuição da biodiversidade nas áreas em que se encontram. Os Pinus e os Eucaliptos apresentam alto potencial de dispersão pelo vento, como também é o caso das Casuarinas (*Casuarina equisetifolia* Blanco), exótica amplamente distribuída no litoral do estado do Rio de Janeiro. Em campo foi encontrada próximo a ponte do Valão do Drago, beirando a estrada principal pequenos indivíduos de Casuarinas, com possibilidade de ter sido trazidas sementes por veículos que por ali circulam, está planta e altamente invasora, apresentando perigo para as outras espécies que ali vivem. É necessário ressaltar a importância da manutenção das áreas de reflorestamento e do plantio de espécies nativas, assim como a elaboração e execução do Plano de Manejo para um maior controle e manejo das espécies florestais.

O reconhecimento do “acervo vivo” tanto da flora quanto da fauna da Flona MX, bem



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

como a identificação da localização, das características e das dinâmicas funcionais de cada ser vivo, associados aos aspectos físicos da paisagem são de extrema valia para a realização de pesquisas no âmbito biogeográfico. No entanto, pesquisas das mais diferentes áreas ambientais são bem vindas, a fim de contribuir com o entendimento funcional desse grande laboratório a céu aberto.

4. Considerações Finais

A conservação ambiental só se potencializa em uma área como a Flona MX a partir do conhecimento sobre a floresta, o ambiente em que está inserida e sua fauna. A pesquisa científica no âmbito das Unidades de Conservação são portanto fundamentais, pois estas servem de subsídio para planos de recuperação de áreas degradadas, reflorestamento, manejo, gestão ambiental, educação ambiental, entre outros.

Repassar o conhecimento acadêmico para a sociedade com uma linguagem universal também é um dos compromissos da universidade, tendo a extensão como ponte para isso, mas para que isso ocorra, a pesquisa científica deve estar associada, para que haja compreensão sobre a importância da produção do conhecimento. O uso da Flona MX por parte da população local é amplamente conflituoso, devido à falta de conhecimento e conscientização ambiental sobre a função socioambiental da mesma. Desse modo, o presente trabalho, que é parte de uma monografia em andamento, busca contribuir com o projeto de extensão “Guarda Compartilhada da Floresta Nacional Mário Xávier: Biogeografia e Educação Ambiental aproximando Natureza e Sociedade” vinculado ao departamento de geografia da UFRRJ, em andamento há um ano.

5. Referências

AB’SÁBER, A. N. **Os domínios de natureza no Brasil: Potencialidades paisagísticas**. 7ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

AMORIM, H. B. **Mapeamento, inventário e avaliação da cobertura florestal da Floresta Nacional Mário Xavier, Seropédica, RJ**. Rio de Janeiro, 2007.



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

BRASIL. **Lei Federal Nº 9.985, de 18 de julho de 2000.** Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Brasília, 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L9985.htm>. Acesso em: 21 Janeiro de 2019.

GONTIJO, B. M. Biogeografia no contexto das avaliações de impacto ambiental. **Revista Geonomos**, Belo Horizonte, v.5, nº. 2, p. 39-42, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Manual técnico da vegetação brasileira.** 2 ed. Rio de Janeiro, 2012.

ICMBIO. **Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção.** 2016. Disponível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/comunicacao/publicacoes/publicacoes-diversas/dcom_sumario_executivo_livro_vermelho_ed_2016.pdf. Acesso em: 25 de Janeiro de 2019.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil.** 1. ed, v. 3. Nova Odessa, São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2009.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil.** 6. ed, v. 1. Nova Odessa, São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2014a.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil.** 4. ed, v. 2. Nova Odessa, São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2014b.

MYERS, N.; MITTERMEIER, R. A.; MITTERMEIER, C. G.; FONSECA, G. A. B.; KEMT, J. Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature**, v. 403, p. 853-858. 2000.

SANTOS, L. A. F. **Floresta Nacional Mário Xavier: Uma Proposta de Planejamento Ambiental.** Dissertação de Mestrado - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais e Florestais, Instituto de Florestas, Rio de Janeiro, 1999. 70 f.

SOUZA, R. L. N. **Restauração da Mata Atlântica: Potencialidades, Fragilidades, e os Conflitos Ambientais na Floresta Nacional Mario Xavier, Seropédica/RJ.** Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Geografia UFRRJ. Seropédica, 2017. 90 f.

TABARAELLI, M.; PINTO, L. P.; SILVA, J.M.C.; HIROTA, M.M.; BEDÊ, L. C. Desafios e oportunidades para a conservação da biodiversidade na Mata Atlântica brasileira. **Megadiversidade.** v.1, nº1, p.132-138. 2005.